



MATOFOBIA EM PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL: INTERSECCIONALIDADES ENTRE CURRÍCULO, GÊNERO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

*MATOPHOBIA AMONG ELEMENTARY SCHOOL TEACHERS:
INTERSECTIONALITIES BETWEEN CURRICULUM, GENDER AND
PEDAGOGICAL PRACTICES*

Guilherme Santinho Jacobik

Doutor em Educação (UNICAMP)

Instituto Superior de Educação de São Paulo – ISESP Singularidades
guilhermejacobik@gmail.com

Gabriella Helena Valadares Cruz

Graduanda em Pedagogia

Instituto Superior de Educação de São Paulo – ISESP Singularidades
helenavaladaresc@gmail.com

Lohany Galeno Lepinski

Graduanda em Pedagogia

Instituto Superior de Educação de São Paulo – ISESP Singularidades
lohanylepinski@gmail.com

RESUMO

O presente artigo resulta de uma pesquisa de iniciação científica que busca compreender a matofobia (Papert, 1988) — medo ou aversão à Matemática —, fenômeno recorrente no contexto educacional brasileiro. Com base em diferentes autores, discutem-se os fatores históricos, culturais, emocionais e pedagógicos que contribuem para essa fobia. Argumenta-se que ela decorre de metodologias inadequadas, expectativas sociais distorcidas e práticas pedagógicas descontextualizadas. A pesquisa, de natureza qualitativa (Gatti; André, 2011), investiga também os impactos da matofobia na formação e atuação de professoras do Ensino Fundamental, partindo da hipótese de que a questão de gênero introduz uma interseccionalidade que acentua ainda mais esses efeitos. Foram entrevistadas sete mulheres docentes, atuantes nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental,

por meio de formulário digital composto por questões abertas. Os resultados revelam que as barreiras enfrentadas por mulheres na Matemática são diversas e interligadas — simbólicas, pedagógicas, familiares e institucionais —, exigindo mais do que a simples inserção de referências femininas nos currículos. Apontam para a necessidade de repensar práticas escolares, expectativas sociais e políticas educacionais que reforçam desigualdades históricas. Conclui-se que o desafio vai além de formar meninas para a Matemática: é preciso transformar a própria Matemática em um espaço mais acolhedor, justo e inclusivo para todas as identidades, especialmente as de gênero feminino.

Palavras-chave: Medo de Matemática. Gênero. Ensino de Matemática.

ABSTRACT

This article results from a scientific initiation research project that seeks to understand mathephobia (Papert, 1988) — the fear or aversion to Mathematics —, a recurring phenomenon in the Brazilian educational context. Based on different authors, the study discusses the historical, cultural, emotional, and pedagogical factors that contribute to this phobia. It argues that such fear stems from inadequate methodologies, distorted social expectations, and decontextualized pedagogical practices. The qualitative research (Gatti; André, 2011) also investigates the impacts of mathephobia on the training and professional practice of female elementary school teachers, starting from the hypothesis that gender issues introduce an intersectionality that further accentuates these effects. Seven female teachers, working in both the early and later years of elementary education, were interviewed through a digital form composed of open-ended questions. The results reveal that the barriers faced by women in Mathematics are diverse and interconnected — symbolic, pedagogical, familial, and institutional — requiring more than the simple inclusion of female references in curricula. They point to the need to rethink school practices, social expectations, and educational policies that reinforce historical inequalities. It is concluded that the challenge goes beyond preparing girls for Mathematics: it is necessary to transform Mathematics itself into a more welcoming, fair, and inclusive space for all identities, especially those of the female gender.

Keywords: Fear of Mathematics. Gender. Mathematics Education.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre as mulheres e a Matemática tem sido marcada historicamente por estereótipos de gênero, barreiras simbólicas e desigualdades estruturais que atravessam a formação docente e o cotidiano escolar. A matofobia, termo cunhado por Seymour Papert (1988), refere-se ao medo, ansiedade ou aversão à Matemática, fenômeno amplamente observado tanto em estudantes quanto em educadores. No contexto brasileiro, esse sentimento assume contornos específicos, relacionados às

práticas pedagógicas tradicionais e à persistência de expectativas sociais que associam o sucesso matemático a traços de racionalidade historicamente atribuídos aos homens (Felicetti, 2009; Santos; Almeida, 2022).

Freire (1996) enfatiza que todo ato educativo é também um ato político, e que a relação com o conhecimento não pode ser dissociada de contextos culturais e afetivos. Essa perspectiva permite compreender a matofobia não apenas como um problema individual de desempenho, mas como um reflexo das relações de poder, gênero e saber que se reproduzem na escola. Nessa direção, a interseccionalidade (Crenshaw, 2002) fornece um referencial fundamental para pensar as múltiplas opressões que atravessam a experiência das professoras: ser mulher, educadora e, em muitos casos, também mãe, impõe desafios que se somam às exigências do ensino da Matemática, como a dupla ou tripla jornada.

O presente estudo, desenvolvido no âmbito de um projeto de iniciação científica, busca compreender de que forma a matofobia se manifesta entre professoras do Ensino Fundamental e como ela se relaciona com suas práticas pedagógicas, percepções de gênero e trajetórias formativas. A pesquisa qualitativa aqui apresentada parte do pressuposto de que compreender as emoções e crenças dessas docentes é essencial para pensar políticas de formação e metodologias que promovam uma Matemática mais inclusiva e afetiva.

Além disso, o trabalho procura contribuir para a ampliação do debate sobre o ensino de Matemática sob uma perspectiva crítica e de gênero, evidenciando que as dificuldades enfrentadas por mulheres não decorrem de uma suposta incapacidade natural, mas de estruturas simbólicas e institucionais que historicamente desvalorizam a presença feminina nas ciências exatas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A matofobia — termo cunhado por Seymour Papert (1988) — refere-se à aversão ou medo da Matemática, frequentemente advinda de experiências escolares negativas. Papert, em sua teoria do construcionismo, argumenta que a aprendizagem matemática precisa ser significativa, isto é, vinculada à experiência concreta do sujeito. Para o autor, o medo da Matemática não nasce da disciplina em si, mas das formas como ela é tradicionalmente ensinada: centrada na memorização, na passividade e na ausência de sentido (Papert, 1988, p. 21).

Essa compreensão dialoga com a pedagogia crítica de Paulo Freire (1996), que entende o processo educativo como uma prática libertadora, em oposição à educação “bancária” — aquela em que o professor deposita o saber no aluno sem considerar suas vivências e afetos. Para Freire, a aprendizagem só se torna transformadora quando o sujeito se reconhece como parte ativa do processo e atribui sentido ao conhecimento. A Matemática, nesse contexto, deve ser instrumento de leitura crítica do mundo, e não de submissão a códigos descontextualizados. Assim, tanto Freire quanto Papert convergem ao defender uma educação que humaniza, valoriza a experiência e rompe com o medo associado ao erro.

A dimensão afetiva da relação com a Matemática também é discutida por Markarian (2004), que identifica o medo como um obstáculo epistemológico e emocional. Segundo a autora, a matofobia não é apenas um sentimento de inadequação, mas um fenômeno social que reflete desigualdades estruturais e reproduz a exclusão de grupos marginalizados. Essa leitura encontra eco nas análises de Felicetti (2009), que destaca o papel das práticas pedagógicas e dos discursos escolares na formação de crenças negativas sobre a Matemática, especialmente entre meninas e mulheres.

É essencial introduzir a perspectiva de gênero, o conceito de interseccionalidade, formulado por Kimberlé Crenshaw (2002). A autora argumenta que as opressões não atuam isoladamente — raça, gênero, classe e outras dimensões da identidade interagem de modo simultâneo, criando experiências únicas de exclusão e resistência. Aplicada ao campo educacional, essa abordagem permite compreender por que a matofobia entre professoras não pode ser explicada apenas por fatores pedagógicos: ela é atravessada por expectativas sociais sobre o papel das mulheres, pela sobrecarga do trabalho docente e por desigualdades históricas que limitam sua presença em áreas consideradas “masculinas”.

Santos e Almeida (2022) reforçam essa perspectiva ao mostrarem que as representações culturais sobre o “talento matemático” ainda são fortemente marcadas pelo gênero. Em suas análises, as autoras apontam que, mesmo em contextos contemporâneos, persiste a crença de que a Matemática exige uma racionalidade “fria” e objetiva — atributos socialmente associados ao masculino —, o que contribui para a desvalorização das formas afetivas e criativas de ensinar. Essa construção

simbólica produz o que essas autoras denominam *barreiras de pertencimento*: a ideia de que certos corpos e identidades não “cabem” na Matemática.

Ao articular os referenciais de Freire, Papert, Crenshaw, Markarian, Felicetti e Santos e Almeida, percebe-se que a matofobia é um fenômeno multifacetado. Não se trata apenas de um medo individual, mas de uma manifestação de relações de poder inscritas no currículo e nas práticas escolares. A superação desse quadro exige, portanto, uma abordagem que una aspectos pedagógicos, afetivos e socioculturais — uma Matemática que reconheça os sujeitos em sua pluralidade e que valorize o erro, a dúvida e o diálogo como caminhos legítimos para o aprender.

Essa base teórica sustenta a análise que será apresentada a seguir, na qual se busca compreender como professoras do Ensino Fundamental percebem e lidam com a matofobia em suas trajetórias formativas e práticas pedagógicas, considerando as interseccionalidades de gênero, raça e classe que atravessam suas experiências.

3 METODOLOGIA

A pesquisa que fundamenta este artigo é de natureza qualitativa, conforme a concepção apresentada por Gatti e André (2011), que defendem esse tipo de investigação como meio privilegiado para compreender fenômenos educativos em sua complexidade, considerando as dimensões subjetivas, afetivas e sociais que constituem as práticas docentes. O estudo insere-se no campo da pesquisa educacional exploratória, com foco na compreensão de sentidos, percepções e experiências que professoras do Ensino Fundamental atribuem à matofobia — entendida aqui como o medo, aversão ou resistência diante da Matemática.

3.1 Participantes da pesquisa

Participaram do estudo sete mulheres docentes, atuantes em diferentes etapas do Ensino Fundamental, que responderam a um formulário eletrônico composto por questões abertas de caráter exploratório.

Dentre as participantes:

- cinco são professoras dos anos iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental, sendo duas autodeclaradas pretas/negras;
- duas são professoras dos anos finais, sendo uma de Língua Portuguesa e outra de Matemática, ambas autorreferenciadas brancas.

As professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental possuem carga horária de trabalho extensa, o que vai muito além do tempo oficial de trabalho escolar remunerado e previsto em seus contratos trabalhistas. Similarmente, apesar de trabalharem em cinco escolas distintas, lecionam na polivalência 5 horas por dia, somando-se um encontro semanal pedagógico de 2 horas. Todas manifestaram sobrecarga extra de trabalho. Para além das horas semanais, levam para suas casas muitas atividades como fichas e avaliações para corrigir. Também relatam que, bimestralmente ou trimestralmente, têm a incumbência de produzir relatórios individuais extensos referentes aos seus estudantes.

As participantes foram convidadas a colaborar voluntariamente, com base em seus interesses e disponibilidade. A diversidade de experiências profissionais e formações permitiu contemplar percepções distintas sobre a relação com a Matemática e os impactos dessa relação em suas práticas pedagógicas. Todas as docentes autorizaram o uso de suas respostas mediante consentimento livre e esclarecido, inserido no próprio formulário eletrônico (*Google Forms*).

3.2 Aspectos éticos

O estudo foi submetido e aprovado pela Comissão de Avaliação entre pares do Singularidades, colegiado formado por coordenação e professores mais antigos da instituição, que é uma faculdade de formação de professores em Pedagogia, instituição privada de ensino superior, localizada na cidade de São Paulo. Essa comissão avalia a adequação ética e metodológica dos projetos de iniciação científica, emitindo carta de aprovação, embora não atribua número de parecer formal, como ocorre em Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) vinculados ao sistema Plataforma Brasil. Foram observados todos os princípios éticos que regem a pesquisa com seres humanos, em conformidade com a Resolução nº 510/2016, que estabelece diretrizes éticas específicas para pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais (CHS), assegurando o respeito à dignidade, à confidencialidade e à liberdade das participantes.

3.3 Instrumento de coleta de dados

O formulário digital continha perguntas abertas que buscavam compreender experiências pessoais, memórias e percepções das docentes sobre o ensino e aprendizagem da Matemática. As questões abordaram temas como:

- lembranças das aulas de Matemática na infância;
- sentimentos e emoções relacionados à disciplina;
- estratégias utilizadas para ensinar Matemática atualmente;
- percepções sobre o papel do gênero na relação com a Matemática;
- dificuldades enfrentadas em sua formação inicial e prática docente;
- sugestões para tornar o ensino da Matemática mais acessível e acolhedor.

Essa abordagem exploratória favoreceu o surgimento de narrativas espontâneas e reflexões subjetivas, permitindo identificar padrões e singularidades nas vivências relatadas.

3.4 Procedimentos de análise

Os dados foram analisados à luz da Análise de Conteúdo, conforme o modelo proposto por Laurence Bardin (2016). Esse método foi escolhido por sua adequação à pesquisa qualitativa e à interpretação de discursos. O processo analítico ocorreu em três etapas:

1. *Pré-análise* – leitura flutuante das respostas e organização do corpus, identificando sentidos recorrentes e unidades de registro relevantes.
2. *Exploração do material* – categorização das falas com base em temas emergentes e referenciais teóricos prévios (Freire, 1996; Papert, 1998; Crenshaw, 2002; Markarian, 2004; Felicetti, 2009; Santos e Almeida, 2022).
3. *Tratamento e interpretação dos resultados* – construção de subcategorias de análise e articulação com a literatura, buscando compreender como as experiências pessoais e as dimensões de gênero atravessam a relação das docentes com a Matemática

Para garantir maior confiabilidade interpretativa, o processo de categorização foi acompanhado por duas pesquisadoras – as coautoras deste texto –, sob orientação do professor responsável pelo projeto, permitindo discussões e consensos sobre as unidades de sentido identificadas.

3.5 Categorias de análise

Do processo emergiram quatro categorias principais, que serviram de eixo para a discussão dos resultados:

1. Memórias escolares e experiências negativas com a Matemática;
2. Influência dos estereótipos de gênero na relação com a Matemática;
3. Medo de errar e sentimentos de inadequação profissional;
4. Estratégias de superação e práticas pedagógicas de acolhimento.

Além dessas, destacou-se uma categoria transversal, identificada em falas de duas docentes, que relaciona a realidade da mulher professora — marcada pela dupla ou tripla jornada de trabalho — à escassa presença feminina nas áreas de exatas. Essa dimensão será retomada na seção de resultados e discussões.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa revelam que a matofobia vivida e percebida pelas professoras é um fenômeno complexo, multifatorial e interseccional, articulando dimensões emocionais, históricas, pedagógicas e de gênero. A análise das respostas permitiu compreender como o medo e a aversão à Matemática não são apenas reflexos de dificuldades cognitivas, mas expressões de relações sociais e simbólicas profundamente arraigadas na cultura escolar.

4.1 Memórias escolares e experiências negativas com a Matemática

As lembranças que as docentes trazem de suas trajetórias escolares são marcadas por experiências de fracasso, vergonha e punição, sentimentos que constituem o núcleo afetivo da matofobia. Uma das participantes recorda:

“A professora colocava os resultados no quadro e dizia quem tinha errado mais. Eu me sentia burra e morria de vergonha.” (Professora A, Anos Iniciais)

Essas lembranças emanam o que Papert (1988, p. 34) denomina de *feridas matemáticas* — experiências que, acumuladas ao longo da escolarização, transformam o erro em símbolo de incapacidade. A aprendizagem, nesse contexto, torna-se associada ao medo, e não à curiosidade. Para Freire (1996, p. 68), práticas que desconsideram o erro como parte do processo de conhecer “roubam do educando a alegria de descobrir”.

Assim, o medo da Matemática nasce não de uma dificuldade intrínseca à disciplina, mas das formas autoritárias e excludentes de ensiná-la, que desumanizam o aprendizado e o transformam em instrumento de poder e controle. Markarian (2004, p. 52) observa que o medo é frequentemente resultado de “situações de humilhação e exposição pública”, tornando-se um componente da identidade profissional das futuras professoras.

4.2 Influência dos estereótipos de gênero na relação com a Matemática

As falas das participantes evidenciam que a relação com a Matemática é atravessada por expectativas sociais de gênero, que associam competência matemática ao masculino e sensibilidade ao feminino. Uma docente dos anos finais relatou:

“Sempre ouvi que menina é boa em Português e menino em Matemática. Eu mesma dizia isso para as alunas sem perceber o quanto reforçava o estereótipo.” (Professora B, Matemática)

Essa representação é descrita por Santos e Almeida (2022, p. 87) como uma *barreira simbólica de pertencimento*, segundo a qual as mulheres internalizam a crença de que não são naturalmente aptas para as exatas. Felicetti (2009, p. 113) complementa ao afirmar que o medo da Matemática “é também o medo de não corresponder ao papel social esperado da mulher”, ou seja, o de ser cuidadora, emocional e não racional.

A interseccionalidade proposta por Crenshaw (2002, p. 142) ajuda a compreender como esses estereótipos se intensificam quando combinados a outras dimensões, como raça e classe. As professoras negras dos anos iniciais relataram sentir maior pressão social para provar competência:

“Quando erro, parece que confirmo o estereótipo de que mulher negra não sabe Matemática.” (Professora C, Anos Iniciais)

Esse testemunho revela que o medo da Matemática pode ser também o medo de ser julgada por sua identidade, e não apenas por seu desempenho cognitivo.

4.3 Medo de errar e sentimentos de inadequação profissional

O medo de errar apareceu como uma das expressões mais recorrentes da matofobia. Esse sentimento, segundo as participantes, persiste mesmo na vida adulta e na docência. Uma professora dos anos iniciais declarou:

“Até hoje, quando tenho que ensinar frações, sinto aquele frio na barriga. É como se eu não fosse boa o suficiente.” (Professora D, Anos Iniciais)

Papert (1988, p. 27) já apontava que o erro, quando tratado como falha moral e não como etapa do aprendizado, gera o que chamou de *cultura do acerto obrigatório*. Em um ambiente assim, a curiosidade cede lugar à conformidade, e o prazer de aprender desaparece.

Freire (1996, p. 32) reforça que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”, e o educador deve reconhecer o erro como momento de construção, não de punição. No entanto, como demonstram as respostas, as docentes reproduzem práticas herdadas de suas próprias experiências, perpetuando, ainda que involuntariamente, um ensino centrado na correção e na avaliação punitiva.

4.4 Estratégias de superação e práticas pedagógicas de acolhimento

Apesar das dificuldades relatadas, as professoras também revelam estratégias criativas para superar a matofobia e acolher seus alunos. Uma delas mencionou:

“Procurro mostrar que todos erramos, inclusive eu. Conto minhas dificuldades com a Matemática para que as crianças percebam que aprender é um processo.” (Professora E, Anos Iniciais)

Essas práticas traduzem a proposta de Freire (1996, p. 80) de uma pedagogia do diálogo e do afeto, em que o professor se reconhece vulnerável e, por isso mesmo, humano diante dos alunos, em outras palavras, a valorização do erro como parte da construção coletiva do conhecimento.

Além disso, as participantes relataram o uso de recursos lúdicos, jogos e situações do cotidiano como formas de tornar a Matemática mais acessível, especialmente para os alunos que, como elas, trazem memórias de rejeição à

disciplina. Este aspecto aproxima-se também da concepção construcionista de Papert (1988), para quem a aprendizagem ocorre quando o sujeito manipula ideias e objetos de forma criativa e significativa.

4.5 A categoria transversal: a sobrecarga das mulheres professoras

Duas participantes destacaram a dupla ou tripla jornada de trabalho — como profissionais, mães e cuidadoras — como um dos fatores que dificultam sua relação com a Matemática. Uma delas observou:

“Às vezes, chego à noite exausta e preciso estudar Matemática para planejar a aula do dia seguinte. Isso cansa, e acabo deixando para depois.” (Professora F, Anos Finais)

Essa dimensão de gênero e trabalho dialoga com o que Crenshaw (2002, p. 149) descreve como *acúmulo interseccional de vulnerabilidades*, que sobrecarrega as mulheres e limita seu tempo e energia para a formação continuada. Santos e Almeida (2022) também observam que a divisão desigual do trabalho doméstico impacta diretamente a permanência e o desempenho de mulheres em áreas das ciências exatas.

Assim, compreender a matofobia implica também reconhecer as condições estruturais que dificultam o acesso das mulheres ao tempo e aos recursos necessários para se desenvolverem profissionalmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender o fenômeno da matofobia entre professoras do Ensino Fundamental, analisando suas origens, manifestações e possíveis estratégias de superação a partir de uma perspectiva interseccional de gênero. Os resultados indicam que o medo e a aversão à Matemática são construções sociais e afetivas que ultrapassam a dimensão cognitiva e estão profundamente vinculadas às práticas pedagógicas, às memórias escolares e às expectativas de gênero presentes na sociedade.

A análise das entrevistas mostrou que as experiências de fracasso e vergonha vividas na infância permanecem como marcas emocionais que influenciam a prática

docente. Essas experiências foram potencializadas por um ensino centrado na punição do erro e na memorização de procedimentos — práticas que, conforme apontam Freire (1996) e Papert (1988), afastam o sujeito do prazer de aprender e o inserem em uma lógica de submissão e medo.

Do ponto de vista das relações de gênero, observou-se que as representações sociais que associam as ciências exatas ao universo masculino ainda são amplamente internalizadas pelas professoras, mesmo entre aquelas que lecionam Matemática. Essa internalização reforça sentimentos de inadequação e autocrítica, especialmente entre as mulheres negras, que relataram enfrentar camadas adicionais de julgamento social e profissional. A abordagem interseccional (Crenshaw, 2002) mostrou-se, portanto, essencial para compreender as múltiplas dimensões da matofobia, evidenciando que ela é atravessada não apenas por gênero, mas também por raça e classe.

Outro achado relevante diz respeito às condições materiais e simbólicas do trabalho docente. As participantes relataram sobrecarga decorrente das múltiplas jornadas — profissional, doméstica e afetiva — que limita o tempo dedicado à formação continuada e ao estudo de conteúdos matemáticos. Essa realidade, também observada por Santos e Almeida (2022), evidencia que as desigualdades de gênero não se restringem ao espaço da sala de aula, mas se estendem às estruturas sociais que sustentam a divisão do trabalho e do cuidado.

Apesar das dificuldades, as professoras demonstraram capacidade de ressignificar suas experiências com a Matemática, criando estratégias de acolhimento e práticas pedagógicas dialógicas. O reconhecimento do erro como parte do processo de aprendizagem e o uso de metodologias lúdicas e contextualizadas surgem como caminhos possíveis para romper o ciclo de medo e exclusão. Tais práticas, inspiradas na pedagogia freiriana, reafirmam o papel do educador como mediador sensível, capaz de transformar o ensino da Matemática em um espaço de empatia e descoberta.

Entretanto, reconhece-se que este estudo apresenta limitações. A amostra reduzida é composta por docentes de uma mesma região e rede de ensino, no caso, privada, o que não permite generalizações amplas. Além disso, a ausência de coleta de dados sociodemográficos mais detalhados restringe a análise de marcadores como classe social e origem regional.

Recomenda-se, portanto, que pesquisas futuras ampliem o número de participantes, diversifiquem os contextos escolares e incluam comparações entre diferentes etapas da carreira docente.

Por fim, conclui-se que enfrentar a matofobia requer ações integradas entre formação docente, políticas educacionais e cultura escolar. É preciso repensar práticas, currículos e expectativas que perpetuam desigualdades e que transformam a Matemática em um campo de exclusão. O desafio não se limita a ensinar meninas a gostar da Matemática, mas a reconstruir a própria Matemática como um território mais humano, inclusivo e equitativo — onde o erro, o afeto e o diálogo sejam reconhecidos como elementos centrais da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

FELICETTI, Vera Lucia. **A afetividade e o ensino de Matemática**: uma reflexão sobre o medo de aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete A.; ANDRÉ, Marli E. D. A. **A pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2011.

MARKARIAN, Carlos. **A matemática e o medo**: aspectos afetivos na aprendizagem. Campinas: Autores Associados, 2004.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

SANTOS, Emerson R.; ALMEIDA, Fernanda S. Mulheres na Matemática: desafios e resistências na formação docente. **Revista Brasileira de Educação Matemática**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 45-62, 2022.

Recebido em: 09/07/2025

Aceito em: 09/11/2025